

TEORIA MULTIFUNCIONAL DO DISCURSO EM HALLIDAY E FAIRCLOUGH

Iran Ferreira de MELO¹
iranmelo@hotmail.com

RESUMO: Este trabalho tem caráter teórico-analítico e visa à identificação panorâmica dos estudos dos linguistas Michael Halliday (1994) e Norman Fairclough (2001, 2003), observando os pontos de encontro e diferença entre as suas duas abordagens. Nós apresentaremos uma exposição comparativa por meio de quadros que demonstrem os conceitos e as categorias linguísticas mais rentáveis a esses dois cientistas. Nós ainda aplicaremos a proposta teórica desenvolvida por eles na análise de uma notícia sobre a representação da militância LGBT (lésbicas, gays, bissexuais, travestis e transexuais), com o intuito de verificar a relevância social da teoria preconizada pelos autores citados acima.

PALAVRAS-CHAVE: multifuncionalidade; sociedade; LGBT; transitividade

ABSTRACT: This work is a theoretical and analytical study. It aims to present the studies of the linguists Michael Halliday (1994) and Norman Fairclough (2001, 2003), noting points of agreement and difference between their two approaches. We will do a comparison, using tables, which demonstrate the concepts and linguistic categories more profitable to these two scientists. We also apply the theoretical proposal developed by them in the analysis of the a news on the representation of militancy LGBT (lesbian, gay, bisexual and transgender), with the objective of verifying the social relevance of the theory advocated by the authors cited above.

KEY-WORDS multifunctionality, society, LGBT, transitivity

INTRODUÇÃO

Os estudos acerca da relação entre a língua e os contextos sociais mais amplos constituem, há muito tempo, investigações caras à Linguística e fazem dessa ciência uma arena produtiva de pesquisas que, por meio de vários paradigmas, ajudaram a repensar as teorias sobre o lugar da linguagem no estabelecimento das representações e identidades sociais. A relação entre discurso e sociedade, portanto, tem suscitado diversas abordagens no campo da Linguística contemporânea, sendo muitas delas destaques, por apresentarem interfaces complexas entre as Ciências Sociais e os estudos da linguagem e identificarem entre a prática discursiva e a prática social uma relação dialética e biunívoca.

Inserido nessa seara, este artigo objetiva apresentar a teoria sobre a multifuncionalidade da linguagem preconizada por Michael Halliday (1994) e Norman

¹ Doutorando do Programa de Pós-graduação em Filologia e Língua Portuguesa da Universidade de São Paulo.

Fairclough (2001, 2003), uma vez que, em seus estudos, esses pesquisadores tentam entender em que medida o discurso é parte integrante e, ao mesmo tempo, construtor, mantedor e transformador de várias práticas sociais. Seus trabalhos expõem que todo texto agrupa um compósito de três metafunções responsáveis pela ordenação das informações no discurso, pela representação da realidade social, bem como pela construção de identidades e relações sociais. A seguir, discutiremos as similitudes e dessemelhanças entre os quadros teóricos desses dois linguistas, na tentativa de compreender suas contribuições para o trabalho de teoria e análise dos discursos contemporâneos sobre minorias sociais, notadamente aqueles compreendidos pelo domínio jornalístico.

1. POR UMA TEORIA MULTIFUNCIONAL DO DISCURSO

A concepção teórica que abaliza este estudo está vinculada aos postulados do que denominamos Análise do Discurso Crítica (doravante ACD). Trata-se de uma abordagem teórico-metodológica da investigação linguística na sociedade contemporânea, cuja emergência se deu na segunda metade da década de 1980 a partir de estudos do linguista britânico Norman Fairclough (1985), mas firmando-se como perspectiva científica apenas no início dos anos 1990, com o advento de várias pesquisas que partilhavam o objetivo de entender a linguagem como uma prática social interconectada a outras da vida cotidiana, bem como de desvelar as relações de dominação e hegemonia produzidas discursivamente, descrevendo, interpretando e explicando os mecanismos de transformação dessas relações.

A ACD é compreendida como uma abordagem funcionalista da linguagem, isto é, um paradigma de estudo que assegura o postulado de não-autonomia da linguagem, analisando o sistema interno da língua como parte irreduzível de outros sistemas, a saber: a cognição, a conjuntura sócio-histórica e a cultura. Sendo assim, a ACD parte do pressuposto de que a estrutura da linguagem exerce funções extrínsecas ao seu sistema, ou seja, desenvolve relações de sentido com elementos que a amparam, mas que não são unicamente linguísticos.

Constitui-se funcionalista qualquer teoria linguística que descreve um texto associando as categorias que o compõem internamente – elementos referenciais, lexicais, icônicos, entre outros – a elementos do entorno de sua produção e consumo – como à cognição social e cultura dos interlocutores –, isso quer dizer que é funcionalista aquela

corrente da Linguística que “não separa o sistema linguístico e suas peças das funções que têm de preencher [...] e reconhece, na instabilidade da relação entre estrutura e função, a força dinâmica que está por trás do constante desenvolvimento da linguagem” (NEVES, 2001, p. 03).

Desse modo, a ACD se utiliza da rubrica de funcionalista para entender como a linguagem exerce funções que ajudam a estabelecer o poder, a reprodução, manutenção e transformação da sociedade (FAIRCLOUGH, 1989, 2001, 2003). Para assegurar esse papel, ela se manifesta, por princípio, como uma abordagem transdisciplinar; “isso significa que não somente aplica outras teorias, como também, por meio do rompimento de fronteiras epistemológicas, operacionaliza e transforma tais teorias em favor da abordagem sociodiscursiva” (RESENDE & RAMALHO, 2006, p.14). Dentre os postulados teóricos que a ACD usa, alguns são oriundos de outros paradigmas internos à própria Linguística e outros correspondem a disciplinas das Ciências Humanas que buscam entender o funcionamento da sociedade contemporânea. Destacaremos, aqui, a importância de um dos campos que influenciaram a ACD: a Linguística Sistêmico-funcional – vertente teórica desenvolvida pelo linguista Michael Halliday (1994) –, além de sua revisão proposta pela Teoria Social do Discurso de Norman Fairclough (2001, 2003).

2. A TEORIA SOCIAL DO DISCURSO DE FAIRCLOUGH

Norman Fairclough, um dos mais ativos analistas críticos do discurso e fundador da ACD, produziu um vasto material bibliográfico, que se tornou indispensável para a compreensão do que vem a ser os estudos críticos da linguagem. Para esse autor, fazer análise de discurso é descrever, interpretar e explicar como a vida social se realiza por meio da manifestação linguística, uma vez que o discurso consiste numa prática social interconectada a outras igualmente importantes que funcionam como partes constituintes da sociedade (FAIRCLOUGH, 2003). Desse modo, cabe a um analista crítico do discurso identificar os mecanismos que constituem as formações ideológicas imbricadas na formação de determinados modos de organização da linguagem. Face a isso, Fairclough (2001, 2003) reconhece que é de responsabilidade do analista crítico do discurso investigar as relações assimétricas de poder investidas na linguagem, fornecendo ferramentas de compreensão sobre os mecanismos que podemos usar para reverter tais desigualdades.

Portanto, esse teórico propôs um método que compreende a composição do discurso como simultaneamente três dimensões de análise: o texto, a prática discursiva e a prática social. Tal tríade deve ser entendida como uma realização única no funcionamento do discurso, porém analisada separadamente e sob perspectivas sistematicamente definidas, para tanto, Norman Fairclough (2001) aponta os seguintes elementos de compreensão das três dimensões:

Quadro 1 – Perspectiva tridimensional do discurso de Norman Fairclough

Texto	Prática discursiva	Prática social
Itens lexicais	Produção (pressupostos, atos de fala, implicaturas)	Hegemonia
Operadores de coesão	Consumo (ativação de conhecimentos)	Ideologia
Operadores argumentativos	Intertextualidade e interdiscursividade	Aspectos culturais
Transitividade	Metáforas	
Modalizadores		
Fatores de contextualização (título, nota, assinatura, etc)		

Com esse postulado, esse linguista apresenta o limiar daquilo que denomina *Teoria Social do Discurso*, uma abordagem de análise dos discursos que compreende a formação das três dimensões acima citadas com o objetivo de estabelecer uma teoria linguística que forneça dados relevantes para as Ciências Sociais, haja vista se preocupar com o texto não apenas em sua versão estrutural, mas também na sua face organizacional, ou seja, de produção e consumo – discursiva – e em sua função eminentemente social, isto é, como uma prática comum e concreta à nossa vida cotidiana.

Nesse sentido, Fairclough reconheceu, em sua teoria, o valor fundamental da dialética que o discurso estabelece com a sociedade em geral, ou seja, sendo constituído e, ao mesmo tempo, construtor das representações sociais, das identidades e dos sistemas de crença e conhecimento. A partir disso, esse cientista britânico, distingue o lugar da Linguística em sua teoria, identificando sua perspectiva de estudo como, acima de tudo, textual. Isso quer dizer que, embora Fairclough visualize a relação biunívoca que o discurso mantém com a sociedade, ele firma sua teoria sem perder de vista que se trata de um estudo do texto.

Em virtude disso, Fairclough designou o seu modo de investigar a linguagem de *Análise do Discurso Textualmente Orientada* (ADTO), a qual, distinguindo-se de outras abordagens críticas do discurso que focalizam a cognição em suas análises, é tributária tanto de teorias das Ciências Sociais quanto de postulados da Linguística, em especial a Linguística Sistêmico-funcional, da qual trataremos a seguir.

3. O LEGADO DA LINGUÍSTICA SISTÊMICO-FUNCIONAL PARA A ANÁLISE CRÍTICA DO DISCURSO

Michael Halliday (1994) é autor da teoria Sistêmico-funcional da linguagem, com a qual declarou que o significado das estruturas linguísticas não pode ser dissociado do valor social que possui e que as realizações textuais desses significados devem ser incluídas no escopo da descrição gramatical. Além disso, registrou que o funcionamento dos textos tem uma organização triádica e simultânea, isto é, possui três metafunções responsáveis pelo valor social da linguagem, são elas: textual, ideacional e interpessoal.

A função textual refere-se ao fluxo informacional do discurso por meio da ordem de elementos no enunciado, que indicam o propósito comunicativo e o destaque que o falante quer oferecer em seu texto, sendo estudada a partir da análise do processo de tema/remã. A função ideacional da linguagem corresponde ao papel de representar a realidade que a língua possui, pois, segundo Halliday (1994), os enunciados refletem eventos, ações, estados, indivíduos e diversos processos da atividade humana através de alguns recursos linguísticos, como, e principalmente, a transitividade. A função interpessoal é responsável por estabelecer a interação social, auxiliando na construção das relações sociais e das identidades dos interlocutores por meio de categorias linguísticas que apontam o grau de envolvimento dos falantes com o que dizem, por exemplo, os modalizadores. A tabela a seguir resume essa exposição.

Quadro 2 – Perspectiva multifuncional da linguagem de Halliday

Halliday (1994)	
Função ideacional	Transitividade
Função interpessoal	Modalizador
Função textual	Tema/remã

As três macrofunções, conforme Halliday (1985) se realizam simultaneamente nos enunciados e são inter-relacionadas. Portanto, essa teoria parte do princípio de que todo enunciado é multifuncional e integrado.

Fairclough (2001, 2003) reconfigurou esse postulado a partir dos interesses da ACD. Inicialmente, reconheceu que a função interpessoal pode se desmembrar em duas outras: relacional – estabelece relações entre os interlocutores e entre estes e o objeto do discurso – e identitária – refere-se ao modo como os indivíduos são identificados no discurso. Segundo Fairclough (2001), o motivo dessa reelaboração está relacionado à importância do discurso na constituição, reprodução, contestação e reestruturação de identidades, o que, para ele, foi desconsiderado por Halliday. A tabela abaixo explana melhor essa mudança.

Quadro 3 – Multifuncionalidade da linguagem (Halliday e Fairclough)

Halliday (1994)		Fairclough (2001)
Função ideacional	Transitividade	Função ideacional
Função interpessoal	Modalizador	Função relacional
		Função identitária
Função textual	Tema/remã	Função textual

Em 2003, Fairclough amplia o diálogo teórico que fez com a teoria multifuncional do Halliday e propõe uma relação entre as metafunções e os conceitos de discurso, gênero e estilo, sugerindo, em lugar das funções apresentadas por Halliday, três tipos de significados: representacional, identificacional e acional. Estes correspondem, respectivamente, às funções ideacional, identitária e relacional e textual. Fairclough justifica a união da relacional à textual por entender que esta última, mais do que apontar informações e propósitos constitui uma ação, tal qual a relacional, ou seja, ambas têm significado acional no texto. A tabela abaixo aponta sistematicamente essa relação de acordo com a mudança teórica.

Quadro 4 - Multifuncionalidade da linguagem (Halliday e Fairclough) II

Halliday (1994)		Fairclough (2001)	Fairclough (2003)	
Função ideacional	Transitividade	Função ideacional	Significado representacional	Discurso
Função interpessoal	Modalizador	Função relacional	Significado identificacional	Estilo
		Função identitária	Significado acional	Gênero
Função textual	Tema/remã	Função textual		

A diferença maior – e que ocasiona toda essa proposta de modificação que Fairclough propõe ao trabalho de Halliday – reside no fato de o primeiro não usar apenas o enunciado como objeto de estudo e análise, mas a estrutura global do texto. Isso resulta num olhar multifuncional sobre o texto, que figura, para a ADTO, em três modos: modo de representar (discurso), modo de ser (estilo) e modo de agir (gênero). A seguir abordaremos a análise de uma notícia para apontar a manifestação multifuncional do texto e avaliar criticamente o discurso, identificando esses três modos abordados por Fairclough.

4. UM EXEMPLO DE ANÁLISE

O texto abaixo é uma notícia sobre a mobilização de homossexuais na cidade de São Paulo, publicado no jornal Folha de Pernambuco no dia 14 de junho do ano corrente.² Trata-se de um exemplo no qual buscamos fazer uma análise sobre as formas do discurso funcionar como um modo de representar a ação noticiada (função ideacional ou significado representacional), de ser/identificar com essa ação (funções interpessoal e relacional ou significado identificacional) e de agir ou atuar como uma prática social específica (funções textual e relacional ou significado acional).

Parada Gay deve reunir 3,5 milhões de pessoas

SÃO PAULO (Folhapress) – A 13ª Parada Gay será realizada neste domingo em São Paulo e espera alcançar 3,5 milhões de participantes. No ano passado, o evento atraiu 3,4 milhões de pessoas, segundo a Associação da Parada do orgulho LGBT de São Paulo, número menor do que os 3,5 registrados em 2007.

O evento está programado para começar às 12h em frente ao MASP, na avenida Paulista, onde acontece a concentração.

Os organizadores estimam que a dispersão do grupo deve acontecer por volta das 20h na praça Roosevelt. Durante todo o percurso, o grupo será acompanhado por 20 trios elétricos, em sua maioria, ligados a ONGs e entidades sindicais como a UGT (União Geral dos trabalhadores) e a CUT (Central Única dos Trabalhadores).

Neste ano, o evento terá como tema “Sem Homofobia, Mais Cidadania Pela Isonomia dos Direitos!”. Atualmente, está em trâmite no Congresso um projeto de lei que transformaria a homofobia em crime e prevê penas para pessoas com comportamentos e atitudes homofóbicas.

² Este texto faz parte do *corpus* de nossa pesquisa sobre a representação do ativismo LGBT em jornais, desenvolvida entre os anos 2008 e 2012 na Universidade de São Paulo.

No mês passado, o ministro do Meio Ambiente, Carlos Minc, participou da marcha para comemorar o Dia Mundial de Combate à Homofobia e pela Paz e afirmou defender a tipificação da homofobia como crime.

Folha de Pernambuco, 14 de junho de 2009

As notícias podem servir, na sociedade atual, como uma ação social da reflexividade apresentada por Giddens (1990), uma vez que faz emergir informações consideradas importantes sobre o funcionamento social. Contudo, é ingênuo pensar que os textos jornalísticos – como qualquer outro texto – estão isentos de ideologias. Além de informar, as notícias também funcionam para desenvolver representações e estabelecer identidades e relações entre os interlocutores. O exemplo do texto acima é oportuno para apontarmos como a ideologia subjacente se manifesta e quais manobras ele produz para causar determinada reflexividade – compreensão – específica.

No início do texto, é possível observar o título, fator de contextualização cujo papel é fornecer expectativas sobre o que se lerá adiante. Nele, já é possível se fazer uma descrição da multifuncionalidade linguística. No que diz respeito ao fluxo informacional e sua função textual, a ordem das palavras não é aleatória, isso quer dizer que não é produzida por acaso, tem uma motivação por parte do produtor. A introdução “Parada Gay” cumpre, nesse caso, o papel de tema do enunciado, o que indica para o leitor o elemento principal da informação, que vem seguido de uma predicação, um rema (“deve reunir 3,5 milhões de pessoas”), aquilo que se fala sobre a informação principal. Nessa perspectiva, Halliday (1994) afirma que o tema corresponde não só a um elemento importante, por isso ressaltado no início do enunciado, mas também a um elemento dado, ou conhecido, pelo interlocutor, ao contrário do rema, que consiste numa informação acerca do tema principal e que, por predicar sobre um elemento conhecido é, do ponto de vista informacional, geralmente, algo novo. Supondo que o título fosse “3,5 milhões de pessoas se reúnem hoje na Parada Gay”, essa locação dos termos causaria outro efeito, uma vez que, conforme Halliday, a atenção dada ao leitor para a informação “3,5 milhões de pessoas” não atribuiria a esse trecho a função de informação secundária, ou remática.

Para ilustrar um exemplo bastante marcado sobre a importância da ordem em enunciados, podemos citar um uso do sujeito tópico que fazemos como registro informal na oralidade. É comum acentuarmos o assunto sobre o qual queremos falar, usando-o no início do enunciado mesmo quando ele é retomado no fim. Por exemplo, ao dizer que gosta de um livro, o locutor pode usar um recurso de mudança na ordem sujeito, verbo, objeto (SVO), comumente na nossa língua portuguesa, para reforçar que seu assunto é o livro. Isto é, o

enunciado “Eu gosto desse livro” – ordenado em SVO – e tematizado por “eu”, termo dêitico que aponta para o locutor, pode ser falado como “Esse livro, eu gosto dele”. Tal escolha de ordem não fortuita, conforme Halliday (1994), promove um foco diferenciado se comparado à outra ordem. Embora haja uma retomada do referente “livro” através da pronominalização “de + ele”, o falante pode achar necessário apresentá-lo no início do enunciado, ou seja, como tema – na posição temática –, o que revela para Fairclough (2003) uma ação do falante, por isso esse pesquisador categoriza tal função da linguagem como um significado acional.

Essa ordenação não ocorreu no título que apresentamos acima, ele é construído na canônica forma SVO. Contudo, a questão de identificar o tema é aplicada a qualquer ordem, portanto, no caso do título da notícia, é possível descrever o elemento temático como “Parada Gay”, por sua posição no enunciado, e interpretar essa posição, à luz da teoria funcionalista de Michael Halliday, como uma escolha de foco sobre a informação que será veicula. Isso implica dizer, ainda, que podemos entender, por meio da forma, o possível propósito comunicativo do locutor partilhar a função da “Parada Gay” no texto: como assunto principal.

Uma vez demonstrando isso já no título, ou seja, na forma contextualizadora de apontar a expectativa do leitor³, a notícia anuncia seu assunto. Cabe-nos perceber se esse tema é sustentado no texto⁴.

Em relação à função ideacional proposta por Halliday (1994) e denominada por Fairclough (2001, 2003) de significado representacional, podemos, também, no título, descrever como funciona. Essa função, para os autores citados, corresponde ao significado que a forma linguística exerce para representar os atores e as ações sociais no discurso e pode, para eles, ser identificada por meio da seleção lexical e da transitividade dos enunciados. No título que nós apresentamos, o assunto é lexicalizado como “Parada Gay”. Atualmente, mesmo não sendo do conhecimento de todos, a proposta política dos movimentos internacionais de militância contra a homofobia e a favor dos direitos civis dos homossexuais reconhece o gay apenas como um dos representantes da orientação homo(sexual), uma vez que as lésbicas, os bissexuais e os transgêneros (travestis e transsexuais) já passaram a empreender essa causa – outrora apenas pleiteada pelos homossexuais masculinos – e serem inseridos no grupo LGBT. De forma que, o jornalista, ao criar o título da notícia, não levou isso em consideração, mesmo tendo co-referido a manifestação, no corpo do texto, como “Parada do Orgulho LGBT”. A exclusão de representantes do grupo de homossexuais já

³ Uma abordagem sobre a função do título como fator de contextualização de um texto é encontrada em MARCUSCHI, L. A. *Linguística de Texto: o que é e como se faz?* Recife: UFPE, 2009.

⁴ Em muitas notícias ocorre o desfoque do assunto no corpo do texto como manobra argumentativa e ideológica. É papel da ACD observar essa estratégia.

inseridos nesse processo político fornece direcionamento de sentidos que o leitor fará na compreensão da notícia e do que seja a Parada.

Outro fator importante na análise da representação desse título é a transitividade desempenhada pelo enunciado. Entende-se por transitividade o processo sintático-semântico realizado pelos constituintes de um enunciado: participantes (sujeito e predicado); processo (verbo) e circunstância (adjunto adverbial).⁵ Além disso, essa categoria compreende a semântica do processo e o papel temático dos participantes, entre outras características. No título da notícia que selecionamos, “Parada Gay” assume o lugar de participante 1 e “3,5 milhões de pessoas”, de participante 2. O primeiro realiza uma ação sobre o segundo e essa ação é formalizada pelo processo “reunir”.

Halliday (1994) apresenta alguns tipos de processos, de acordo com uma quantidade de categorias semânticas que postula: material (ação concreta), verbal (ato de enunciação), mental (sentimentos e atividades cognitivas), entre outros. Logo, se categorizarmos o processo usado no título entre os tipos propostos por Halliday, poderíamos caracterizá-lo de “material”, uma vez que a ação de reunir denota um acontecimento concreto.⁶

O participante que reúne e aquele que é reunido, ou seja, o que pratica e o que recebe a ação também são categorizados, nesse caso, segundo a teoria hallidayana, como ator e objeto. Para efeito de representação, ao ator é criada uma imagem de agentividade e autonomia sobre o objeto, portanto, a partir desse título, o leitor pode inferir o potencial da Parada, isto é, dos homossexuais organizados naquele evento de militância política. A partir da semântica do processo, Halliday (1985) denomina de papel temático os sentidos atribuídos ao ator e ao objeto. É essa relação de dependência sintático-semântica entre os termos que esse linguista denomina de transitividade.⁷ Já Fairclough (2003) se utiliza tanto da seleção lexical quanto da transitividade para afirmar que ambas expressam a imagem social que a notícia engendra no seu processo discursivo (produção e leitura).

Quanto à função interpessoal (relacional e identitária ou identificacional) desse título, podemos destacar o uso do modalizador verbal “deve”, que Fairclough (2003) classifica como modalizador epistêmico, pois funciona para emitir conhecimento relativo sobre o assunto, mas, sobretudo, indicar o grau de comprometimento do locutor. Ao dizer que

⁵ Um estudo sobre a transitividade em notícias pode ser consultado em MELO, Iran Ferreira de. *Análise Crítica do Discurso*. Um estudo sobre a representação de LGBT em jornais de Pernambuco. Recife: EDUFPE, 2010.

⁶ Muitos estudiosos de Halliday compreendem que a categorização semântica dos processos é um procedimento “escorregadio”, pois depende de fatores como registros, estilo, etc. Por exemplo, o processo “reunir” dessa notícia pode ser entendido como uma metáfora de “possibilitar” ou “motivar a reunião”, já que reunir implica um ato empírico de agrupar alguém ou algo, cabendo, desse modo, apenas aos organizadores da Parada.

⁷ Nesse título não há nenhuma circunstância (“hoje”, “em São Paulo”, etc). Se houvesse, deveria ser analisada também a relação que ela estabelece com os outros constituintes (participantes e processo).

a Parada “deve reunir”, o jornalista não assume a certeza da ação, mas lança possibilidade sobre ela, consequentemente atenuando a força agentiva do ator “Parada Gay”. Seria diferente se o enunciado fosse, como conceitua Halliday (1994), polarizado, ou seja, se fornecesse uma ação sem ressalvas: “Parada gay reúne 3,5 milhões de pessoas”. Essa forma identificaria diferentemente a relação do locutor com o que diz, pois haveria a garantia do acontecimento (reunião de 3,5 milhões de pessoas).

Após esse preâmbulo acerca do título, desenvolveremos uma análise da notícia completa, separando, por motivo didático, as considerações sobre cada função/significado.

4.1. A função textual

Dos cinco parágrafos que a notícia possui, quatro deles são tematizados por palavras que remetem à Parada. Isso demonstra que o jornalista seguiu o foco do título no corpo do texto. Apenas o último parágrafo, como geralmente acontece nas notícias, não é dedicado às informações relacionadas ao assunto principal, assumindo natureza secundária naquilo que se quer informar.⁸ As palavras usadas como tema são: “a 13ª Parada Gay” e “o evento” (primeiro parágrafo); “o evento” (segundo parágrafo); “os organizadores” e “o grupo” (terceiro parágrafo); “o evento” e “o projeto de lei” (quarto parágrafo); “o ministro do Meio Ambiente” (quinto parágrafo).⁹ Todos os temas são relacionados à Parada e/ou aos homossexuais, com graus de aproximação semântica na seguinte ordem:

+ próximo	↑ a 13ª Parada Gay / o evento
	↑ os organizadores
	↑ o grupo
	↑ o projeto de lei
- próximo	↑ o ministro do Meio ambiente

Gráfico 1 Graus de aproximação semântica

Se considerarmos que a Parada é o assunto e que LGBT formam o assunto subjacente, uma vez que são os atores e beneficiados da Parada, apresentamos a gradação com:

1. a “Parada” como primeiro elemento, o qual é retomado na notícia como “evento”;
2. o termo “organizadores” como segundo elemento, pois já representa os próprios homossexuais ligados à Parada, elemento anterior;

⁸ Sobre os planos de foco no discurso (figura e fundo), recomenda-se a leitura de HOPPER, P.; THOMPSON, S. *Transitivity in grammar and discourse*. Language, v.56, p. 251-299, 1980.

⁹ Consideraremos apenas os temas que são formados por participantes (nomes).

3. “grupo” como terceiro elemento, porque aponta para os organizadores, mas também para aqueles que acompanham a Parada;
4. “projeto de lei”, quarto elemento, uma vez que está ligado à Parada, embora o nome, *per si*, não identifique esse evento nem LGBT;
5. por último, “o ministro do Meio Ambiente”, que, mesmo apoiando a Parada, não tem relação com o movimento.

Se observarmos a ordem de aparição desses temas no decorrer do texto, veremos que a gradação apresentada corresponde à sequência também da notícia, o que indica o mecanismo de exposição escolhido pelo locutor seguindo o fluxo informacional e semântico que abordamos. Nesse sentido, a permanência de palavras ligadas à Parada e ao homossexual na posição temática funciona como ação de prover a leitura do que vai ocorrer – a Parada – e o que o locutor deseja predicar, o foco de atenção do texto. Isso também reforça a representação da Parada e do homossexual na notícia, visto que a ocorrência dos termos citados como temas fornece visibilidade tanto a primeira quanto ao segundo. Contudo, a qualidade dessa representação, quais papéis ambos – Parada e homossexuais – ocupam no texto, só poderá ser analisado na relação entre o tema e o rema, ou seja, já na avaliação dos enunciados transitivos, que significa a análise de uma das categorias gramaticais responsáveis pela função ideacional.

4.2. A função ideacional

Para a análise da função ideacional, selecionamos as duas categorias supracitadas: o léxico e a transitividade. Em relação ao léxico escolhido, observamos a semântica das palavras usadas para se referirem à Parada e aos homossexuais, como referido no tópico anterior. Já sobre a transitividade é preciso que nos dediquemos a perceber os mesmos mecanismos que observamos no título: a semântica dos processos e o papel temático dos participantes, além – quando for o caso – a semântica da circunstância.

A forma de transitividade que revela a Parada/o homossexual na posição temática, mas no papel de objeto do processo está presente em três enunciados da notícia:

1. “a 13ª Parada gay será realizada”;
2. “o evento está programado”;
3. “o grupo será acompanhado por 20 trios elétricos”.

As duas primeiras ocorrências apagam o ator das ações (quem realiza e quem programa) e a terceira apresenta um ator que não representa semanticamente a Parada ou o

homossexual. Os processos usados nesses enunciados são materiais, ou seja, denotam forte agentividade.

Além desses três enunciados, a Parada e/ou o homossexual – como constatamos – é retomado em mais quatro momentos. Em todos eles, esse assunto ocupa papel de ator, porém com processos distintos semanticamente:

1. “A 13ª Parada gay [...] espera alcançar 3,5 milhões de participantes”;
2. “No ano passado, o evento atraiu 3,4 milhões de pessoas”;
3. “Os organizadores estimam que a dispersão do grupo deve acontecer por volta das 20h”;
4. “Neste ano, o evento terá como tema ‘Sem Homofobia, Mais Cidadania Pela Isonomia dos Direitos!’”;

O primeiro enunciado que se mostra é formado pelo processo composto “espera alcançar”, onde há um processo modalizador (espera), que atenua o principal (alcançar) – e sobre o qual comentaremos no próximo tópico, relativo à função interpessoal. O recurso de modalizar o processo “alcançar” mitiga a ação real do participante “13ª Parada Gay” no enunciado, colocando-a na condição de possibilidade. Isso atenua, também, o poder do ator, pela intervenção do processo auxiliar – modalizador.

O segundo enunciado representa uma ação agentiva: “o evento atraiu 3,4 milhões de pessoas”. Contudo, a circunstância de tempo no passado diminui o poder do ator, uma vez que se afirma uma ação totalmente concluída no passado, ou seja, sem marcas de que ainda é vigente, portanto sem força atual.¹⁰

O terceiro enunciado, tanto quanto os outros, aborda o assunto na posição de destaque, porém o uso do processo mental “estimar” caracteriza o tema (“organizadores”) como experienciador, fornecendo-lhe agentividade, mas também baixo poder, já que não consiste numa prática de intervenção concreta, como o processo material.

Sobre o quarto e último enunciado, podemos dizer que se trata do mais agentivo de todos eles, pois “o evento terá” algo, ou seja, é representado como uma entidade de poder, possuidora e dominante. Porém, seu objeto, isto é, o que ele detém consiste numa proposta criada por ele mesmo (o evento ou os organizadores). O alcance de governo do ator social nesse enunciado é limitado, uma vez que não se trata de ter algo além daquilo que faz parte do seu próprio contexto.

Diante da descrição desses enunciados, reconhecemos que essa notícia aponta, como sugere Fairclough (2003), para a representação de baixa autonomia, inclusão e poder de governo dos homossexuais. Mesmo havendo visibilidade de LGBT, pois a posição temática que assumem destaca-os, os alcances de atuação são limitados, seja por meio da atribuição

¹⁰ Para uma melhor reflexão sobre o papel do tempo verbal na enunciação, recomenda-se a teoria clássica de BENVENISTE, E. *Problemas de Linguística Geral*. Vol. I e II. Pontes, São Paulo, 1976.

passiva, pela agentividade atenuada por modalizador e circunstância de tempo, ou seja, pelo papel temático de beneficiário.

4.3. A função interpessoal

Sobre a função interpessoal, daremos atenção precisa à modalidade, que se manifestou na notícia que apresentamos apenas na forma verbal e em dois momentos, no título e no parágrafo inicial por meio da forma composta “espera alcançar”. Como afirmamos no tópico anterior, o processo “esperar” atua sobre a ação atenuando-a e, além disso, retirando a responsabilidade do locutor em assegurar um acontecimento real. A utilização desse processo modaliza o processo seguinte, dando a ele o caráter de hipótese.

Halliday (1994) afirma que o papel do modalizador é por em um plano intermediário a pontualidade dos acontecimentos, isto é, não assegurar a realização de uma ação, ou não garantir a polaridade de uma ação. Para Halliday, a ocorrência de um evento (polo positivo) ou a negação do mesmo (polo negativo) indica pontos extremos de um acontecimento, sendo, portanto o intermédio entre esses pontos, ou polos, a possibilidade positiva ou negativa do acontecimento, como mostra o gráfico abaixo¹¹:

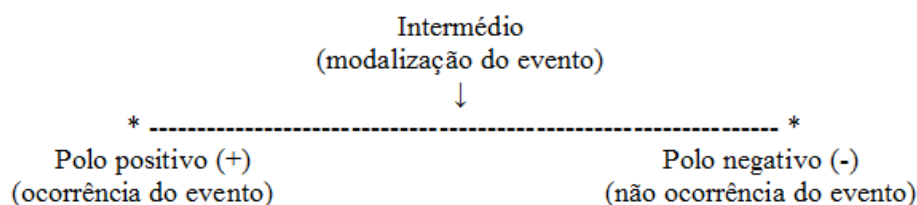


Gráfico 2 - Modalização

Ao destacar a posição intermediária, o locutor indica que não se compromete com alguma das polaridades, ou seja, com a certeza da ocorrência ou negação dela. A manifestação desse ponto intermediário Halliday (1994) chama de modalidade e afirma ser materializado na forma de processos e circunstâncias (verbos e advérbios). Já Fairclough (2003) inclui os polos no processo de modalização e denomina qualquer um dos pontos (pólos positivo e negativo, bem como o intermédio) como um fator de modalização, nomeado por ele de modalização categórica. Esse teórico amplia a proposta de Halliday e defende que qualquer expressão do acontecimento (polarizada ou intermediária) compromete o locutor e estabelece uma relação entre este e o que diz.

¹¹ Livrentemente inspirado na teoria sobre a modalização de Michael Halliday (1994).

Diante disso, seguindo a perspectiva de Fairclough, podemos afirmar que houve modalização em toda notícia que analisamos, no entanto em alguns momentos (no título e no enunciado “A 13ª Parada [...] espera alcançar 3,5 milhões de pessoas”) o locutor se identifica com menos responsabilidade sobre o que diz. Assim, podemos perceber que, do ponto de vista relacional e identitário, é atribuída à postura do jornalista, ao enunciar essa notícia, o comprometimento com o que informa.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esse artigo buscou oferecer a topicalização de um estudo complexo sobre a multifuncionalidade da linguagem, tomando como orientação o legado teórico de Michael Halliday e Norman Fairclough. Na análise que exemplificamos, damos relevância ao exame dos mecanismos que fornecem os significados textual, ideacional e interpessoal nos textos, isto é, respectivamente, a função de informar ou dar visibilidade, representar atores e ações e caracterizar o grau de envolvimento do locutor com o conteúdo ou com o interlocutor.

A notícia que analisamos serviu para exibirmos a importância da Análise Crítica do Discurso em qualquer texto, desde que nossos propósitos apontem para o desvelamento de estruturas capazes de representar e construir identidades e sistema de crenças e conhecimento dados como naturais nos discursos. É, diante disso, que nossa análise ofereceu a oportunidade de visualizarmos o quanto a abordagem multifuncional pode ser capaz de identificar a constituição (latente ou manifesta, limitada ou com grande alcance) de grupos minoritários, como os homossexuais, em textos jornalísticos.

REFERÊNCIAS

FAIRCLOUGH, Norman. *Critical and descriptive goals in discourse analysis*. Journal of Pragmatics n° 9, p. 739-63, 1985

_____. *Language and power*. Londres: Longman, 1989

_____. *Discurso e mudança social*. Tradução de Maria Izabel Magalhães. Brasília: UnB, 2001.

_____. (2003) *Analysing Discourse*. Textual analysis for social research. London & New York: Routledge.

_____. *Language and power*. Londres: Longman, 1989

GIDDENS, Anthony. *As consequências da modernidade*. São Paulo: UNESP, 1990.

HALLIDAY, Michael. *An introduction to functional grammar*. London: Edward Arnold, 1994.

NEVES, M. Helena de Moura. *A gramática funcional*. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

RESENDE, Viviane de Melo; RAMALHO, Viviane. *Análise de discurso crítica*. São Paulo: Contexto, 2006.